



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS FRANCÊS

GABRIELLA STEFANE MUNIZ DE ALMEIDA

FANTINE: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA OBRA *OS MISERÁVEIS*, DE VICTOR HUGO

JOÃO PESSOA
NOVEMBRO DE 2022

GABRIELLA STEFANE MUNIZ DE ALMEIDA

FANTINE: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA OBRA *OS MISERÁVEIS*, DE VICTOR HUGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras Francês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karina Chianca Venâncio.

JOÃO PESSOA
NOVEMBRO DE 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A447f Almeida, Gabriella Stefane Muniz de.

Fantine: A representação social da mulher na obra Os Miseráveis, de Victor Hugo / Gabriella Stefane Muniz de Almeida. - João Pessoa, 2022.

45 f. : il.

Orientação: Karina Chianca.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Victor Hugo. 2. mulher. 3. Os Miseráveis. 4. Fantine. 5. Social. I. Chianca, Karina. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.133.1

GABRIELLA STEFANE MUNIZ DE ALMEIDA

**FANTINE: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA OBRA OS
MISERÁVEIS, DE VICTOR HUGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras Francês.

Data de Aprovação: 30/11/2022

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Karina Chianca Venâncio - Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida de Oliveira - Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Teixeira Batista - Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. José Roberto Andrade Féres – Suplente
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui. Por ter passado por anos tão difíceis e me mantido firme.

A minha irmã Heloisa Muniz, que me aguentou falando desse trabalho por tanto tempo, por ter estado sempre comigo, apesar dos vários desentendimentos. Eu te amo de todo coração. Agradeço a meus pais e minha família pelo apoio que me deram. Aos amigos que por diversas vezes tiveram mais confiança em mim que eu mesma.

Agradeço a minha orientadora, Karina Chianca, por sua paciência e compreensão comigo, não apenas no período de orientação, mas ao longo de todos esses anos, por compartilhar de seu conhecimento, por ser tão gentil num ambiente tão complicado, agradeço por todas as aulas em que sorria, mesmo quando tudo estava difícil, por ter tornado sua sala um abrigo e nos dado a oportunidade de um escape da realidade. Guardarei suas aulas com muito carinho.

Agradeço a minha amiga Élide Stephania, que esteve ao meu lado desde o princípio dessa jornada, que me entendeu e me ajudou de uma forma que levarei anos retribuindo. Você foi um presente que ganhei dessa universidade, espero que se lembre que meu carinho por você ultrapassa esses muros.

Também a Rosalina Chianca, por se importar tanto com nosso aprendizado, por me perceber apesar da minha timidez, pelos incentivos e abraços quando nem sequer sabia que era algo que precisava, por me proporcionar memórias tão significativas. Sou feliz por ter tido a honra de tê-la como professora.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre a personagem Fantine, presente na parte inicial do romance *Os miseráveis* (1862) de Victor Hugo (1802-1885), *corpus* no nosso Trabalho de Conclusão de Curso. Analisaremos como essa personagem desempenhou o papel de representante social das mulheres marginalizadas do século XIX, tendo Hugo como autor e denunciador, dando visibilidade em suas obras àquelas que eram rejeitadas pela sociedade. Utilizando como aporte teórico faremos uma análise do *corpus*, o romance *Os Miseráveis*, e as obras de Gallo (2006) para melhor compreensão do contexto. A pesquisa de cunho qualitativo bibliográfico nos permitiu compreender o ponto de vista de Hugo referente ao século que ocupa, o século XIX, dando voz ao miserável, algo pouco comum na época. Ao conhecermos um pouco sobre a vida e obras do autor, podemos compreender sua visão para as causas sociais. Ele traz o desamparo da mulher por faltas de leis, a prostituição pela fome, que podem ser vistos na trajetória de Fantine. Ela é condenada pela sociedade ainda que tenha feito de tudo para sustentar sua filha, além de si mesma, mas vindo a padecer na miséria, restando-lhe apenas vender seu corpo. O destino reservado a Fantine não foi propício, tendo em vista o quanto sofreu, ela não conseguiu realizar seu último desejo, que era de rever sua filha. Verificamos que apesar da grande contribuição para o romance, a redenção da personagem se deu através de sua morte.

Palavras-chave: Victor Hugo; mulher; Os Miseráveis; Fantine; Social.

RÉSUMÉ

Le présent travail a pour but de présenter une étude sur le personnage de Fantine, présent dans la partie initiale du roman *Les Misérables* (1862) de Victor Hugo (1802-1885), corpus dans notre Travail de Conclusion de Cours. Nous analyserons comment ce personnage a joué le rôle de représentant social des femmes marginalisées du XIXe siècle, ayant Hugo comme auteur et dénonciateur, donnant une visibilité dans ses œuvres à celles qui étaient rejetées par la société. En utilisant comme support théorique, nous analyserons le corpus, le roman *Les Misérables*, et les œuvres de Gallo (2006) pour une meilleure compréhension du contexte. La recherche bibliographique qualitative nous a permis de comprendre le point de vue d'Hugo sur le siècle qu'il occupe, le XIXe siècle, donnant la parole aux misérables, chose peu commune à l'époque. En connaissant un peu la vie et l'œuvre de l'auteur, on comprend sa vision des causes sociales. Elle apporte l'impuissance des femmes par manque de lois, la prostitution par la faim, que l'on retrouve dans la trajectoire de Fantine. Elle est condamnée par la société alors qu'elle a tout fait pour subvenir aux besoins de sa fille, en plus d'elle-même, mais elle en est venue à souffrir dans la misère, ne la laissant que pour vendre son corps. Le sort réservé à Fantine n'a pas été favorable, tant elle a souffert, elle n'a pas pu réaliser son dernier souhait qui était de revoir sa fille. Nous avons vérifié que malgré la grande contribution au roman, la rédemption du personnage s'est faite par sa mort.

Mots-clés : Victor Hugo ; femmes; Les misérables; Fantine; Social.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Velório de Victor Hugo sob o Arco do Triunfo	12
Figura 2 - Tela A Liberdade guiando o povo, de Eugène Delacroix.	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 VICTOR HUGO: A LENDA DO SÉCULO	12
1.1 Este um sou eu! Victor Hugo, um autor social	14
1.2 A revolução literária de Victor Hugo no século XIX	18
1.3 As musas de Victor Hugo	20
2 AS MULHERES DE HUGO	24
2.1 Século XIX e a exaltação da mulher	25
2.2 A personagem feminina	28
2.3 A luta social das mulheres	31
3 O DEFENSOR DAS CAUSAS SOCIAIS	34
3.1 Os miseráveis	35
3.2 Fantine: do sublime ao grotesco	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

O romance *Os miseráveis* (1862) corpus objeto de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, apresenta Fantine como uma de suas personagens, ainda que por um curto período, mas sua passagem impacta toda a obra. Trata-se de uma moça que sofre com as adversidades, caindo na miséria com sua filha, devido ao abandono de seu amante. O último estágio da vida de Fantine é na mais profunda miséria quando apenas lhe restou a prostituição como forma de manter sua filha. Apesar de seu sacrifício, ela foi vítima dos preconceitos da sociedade. Ao colocar a mulher em cena, Hugo se diferencia dos outros poetas por trazer a mulher cortesã, a prostituta, não apenas a mulher pura e exaltada. Ao falar de Fantine, faz dela uma representante de tantas outras mulheres marginalizadas do século XIX que sofriam por serem vítimas da fome e do desamparo das leis. Ele a apresenta como um ser de uma beleza sublime, mas que logo se torna grotesca, entretanto ele faz o equilíbrio do grotesco de sua aparência com o sublime que é a sua moral.

Investigamos na vida do autor, Victor Hugo, de onde vieram as inspirações para a construção da obra e de suas personagens, e para seu posicionamento favorável e complacente para com as mulheres. Observamos que desde sua infância, o poeta sempre foi rodeado de mulheres, criado por sua amada mãe, casado com sua amiga de infância, um pai amável para sua filha, um amante protetor. Contudo, algumas de suas personagens não tiveram um final feliz, principalmente as que são consideradas impuras, em especial, sua personagem Fantine, que apesar de todo seu sofrimento, não é agraciada com um final digno. Mas apesar da personagem não ser bem-vista por grande parte da população, o narrador põe em evidência suas virtudes.

Esse trabalho tem por finalidade analisar o papel social desempenhado pela personagem Fantine ao longo do romance *Os Miseráveis*, observando como Hugo apresenta a personagem, uma moça bela e de pudor, e desenvolve sua jornada até que essa cumpra seu destino na obra, chegando à degradação. Quando ela já não está mais bela como quando foi introduzida, ela sofre com a falta de condições para sustentar a si mesma e sua filha. Nessa obra, ele leva o leitor a refletir acerca da visibilidade que ele dá à personagem feminina, relegada a uma condição social inferior, tendo em vista esta realidade da sociedade da época.

A personagem criada no século XIX, há mais de um século de distância da atualidade, ainda é capaz de proporcionar emoção a todos aqueles que compreendem sua

história. Esse tema dialoga de maneira particular sobre as mulheres que podem se identificar em algum aspecto da obra ou da personagem, o que possibilita uma conexão com a realidade. Com intuito de destacar a importância da personagem feminina para a obra, como sendo porta-voz da análise crítica do autor em relação à situação de degradação que viviam muitas mulheres, tema ainda tão atual. Para isso, nos apoiaremos na obra de Gallo (2006) e nas obras completas de Hugo (2013).

Para a realização desse trabalho, adotamos uma análise qualitativa crítico-reflexiva da obra acima citada. Dividimos o trabalho em três partes que apresentamos a seguir. Na primeira parte, tratamos da vida e obras do autor, assim como as mulheres presentes sua vida. Em seguida, apresentamos o romantismo e a exaltação da mulher na literatura, e como o autor põe em cena suas personagens femininas e a luta social das mulheres dentro e fora da literatura. Enfim, abordamos a obra *Os Miseráveis*, observando a defesa do autor as causas sociais, para logo em seguida focarmos na personagem Fantine, pensando em como sua trajetória é usada para denunciar o descaso da sociedade com a mulher.

1 VICTOR HUGO: A LENDA DO SÉCULO

Victor Marie Hugo (1802-1885) foi um dos maiores e mais queridos escritores franceses, reunindo mais de um milhão de pessoas em seu velório sob o Arco do Triunfo. Por decisão dos deputados, seu corpo foi levado diretamente para o Panteão¹ em 1º de junho de 1885, pois obteve reconhecimento por seu trabalho ainda em vida. Sua morte causou comoção em toda a França, como podemos perceber em cenas do filme *Camille Claudel* (1988), em que personagens anunciam gritando pelas ruas a morte do autor, “*Victor Hugo est mort*”. Pessoas vindas de várias partes do país declamavam seus versos na rua em sua homenagem. A morte do autor tão querido pela população causou um luto nacional. Como esse poeta conseguiu estas homenagens sendo, inclusive, imediatamente após a morte, levado ao Panteão? Quem foi Victor Hugo?

Figura 1- Velório de Victor Hugo sob o Arco do Triunfo.



Fonte: Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/02/95/38/0295383e3e875054fab0694d8be679b.jpg>.

Acesso em: 12 set 2022

¹ Monumento que após a Revolução Francesa foi destinado a homenagear grandes nomes que marcaram a história da França.

Ao abordarmos sobre o autor Victor Hugo, não falamos apenas de um escritor, mas de um revolucionário que ocupou boa parte do século XIX, que revolucionou a literatura, que, mesmo sendo rico, enxergava e ajudava as necessidades do povo pobre e miserável e exigia mudanças da parte do governo francês, ganhando o respeito dos franceses e do mundo afora, como é apontado por Gallo (2006), nos dois volumes da obra falando sobre a vida desse grande autor. Suas obras refletiam aquilo em que acreditava, denunciando os abusos pelos quais a população estava sujeita a passar, criticando, discursando e mudando políticas para que houvesse a expansão do conhecimento, poderemos ver isso utilizando as obras completas de Hugo (2013).

Victor Hugo nasceu em Besançon em 1802, sendo o terceiro filho de Sophie Trébuchet e Léopold-Sigisbert Hugo. Ainda criança, teve uma vida agitada devido ao trabalho do pai como general de Napoleão (1769–1821), vivendo entre a Itália, a Espanha e a França. Sua educação foi fragmentada, aprendeu francês, latim e grego com um ex-pai, estudou no colégio de Nobres, na sua estadia na Espanha, onde aprendeu espanhol, e no internato Cordier, na França, até os 16 anos. Apesar dos conflitos familiares - as brigas dos pais, a separação deles, e a luta pela guarda dos filhos -, tinha resultados exemplares nos estudos. Começou a escrever desde muito jovem, aos 11 anos, traduzindo Virgílio, competindo nos jogos florais de Toulouse. Fundou, juntamente com seu irmão, o jornal *Le Conservateur Littéraire*, no qual era redator. Tratava-se de uma homenagem a Chateaubriand (1768-1848): o escritor foi uma das inspirações de Hugo que, aos 14 anos, declarava: “Quero ser Chateaubriand ou nada” (GALLO, p. 113). O jornal o ajudou a ganhar visibilidade e a adentrar ainda mais no mundo das letras, já sendo visto como uma referência para outros escritores, mesmo sendo ainda tão jovem. Juntamente com seu irmão Eugène, foi matriculado na Escola de Direito, mas não seguia as aulas para se dedicar à escrita, mantendo a matrícula apenas para poder receber a pensão do pai. Nesta mesma época, caiu nas graças do rei com o poema “A morte do duque de Berry”, recebendo uma premiação por seu trabalho.

Foi reconhecido como poeta, logo se tornando líder do movimento romântico e escrevendo a obra *Cromwell* (1829), cujo prefácio foi considerado o manifesto do Romantismo, em que ele desenvolve o drama ao longo dos anos e determina romper com o Classicismo ao propor o verso livre. Além de receber outros títulos e ter sua obra completa editada ainda em vida, aos 43 anos, foi feito *Pair de France*, distinção concedida a um tipo especial de subordinado - era quem julgava a quem tentava assassinar o rei.

Escreveu obras que defendiam os ideais em que acreditava, como a abolição da pena de morte, a erradicação da miséria, e não lhe bastando entrou para a política, tentando levar sua voz ainda mais longe. Mesmo o golpe de estado em 1851, por Napoleão III (1808-1873) ou Napoleão, o Pequeno, que o fez se exilar na Bélgica em 1852, não conseguiu calar a voz desse poeta, desse revolucionário.

1.1 Este um sou eu! Victor Hugo, um autor social

Victor Hugo, desde muito jovem, já tinha convicção de quem era e de quem viria a se tornar, devido às situações que presenciou e que o mudaram: “Saí dali determinado – eu tinha 16 anos – a sempre combater as más ações da lei” (GALLO p.142). O que o diferenciava e o destacava era seu envolvimento no mundo das letras. Hugo usou de sua posição de poeta, de alguém que era ouvido, para fazer suas denúncias, posicionar-se naquilo que acreditava, defendendo o oprimido, colocando-se contra a miséria e a pena de morte.

Sabia que sua voz era ouvida, desde muito jovem já era respeitado como poeta, mas foi no teatro que descobriu que haveria ainda mais pessoas para ouvi-lo, pois a repercussão era ainda maior que a dos livros, e transformou o palco em tribuna, falando diretamente ao povo, fazendo ali suas denúncias e se impondo, mesmo quando era criticado. Entretanto, ele sentiu necessidade de fazer algo mais, para além da literatura. Candidatou-se a deputado e foi eleito. Fazia ali seus discursos, exigindo aquilo em que acreditava ser correto, como a abolição da pena de morte, a denúncia da exploração e da miséria, a liberdade do ensino, o sufrágio universal, e a liberdade de imprensa.

A miséria era algo ao qual o autor, mesmo tendo nascido numa família abastada, não ignorava em relação à sociedade na qual vivia: ele via cada vez mais pessoas pobres passando fome. Destacava sempre a questão da miséria cada vez mais crescente no país. Escrevia então poemas que serviam como alerta e para arrecadar fundos para amenizar o sofrimento daqueles que por muitos passavam despercebido. “[...] Uma lei, que de baixo parece injusta e má, / Disse a alguns: Divirta-se! Para outros: Invejem! / Este pensamento é escuro, amargo, inexorável, / E fermenta em silêncio no coração do miserável.² [...]”. (GALLO, p. 281, tradução Jorge Bastos). Organizou uma loteria para que pudesse beneficiar uma creche, e conseguiu assim amparar 20 berços. Testemunhou uma vítima

² No original: *Une loi, qui d'en bas semble injuste et Mauvaise, / Dit aux uns : Jouissez! aux autres: Enviez! Cette pensée est sombre, amère, inexorable, / Et fermente en silence au cœur du misérable.*

da miséria ser preso por ter roubado pão, percebendo que a sociedade ignorava os miseráveis que se tornavam invisíveis.

Sabia também que havia crianças presas por roubarem frutas, crianças que morriam de fome, e lutava para que as leis sociais incluíssem em seus textos a proteção das crianças. Em seu poema “*Où vont tous ces enfants?*” (1831), ele questiona a vida miserável de uma criança que é explorada pelo trabalho nas máquinas, mostrando sua indignação.

[...]
Travail mauvais qui prend l'âge tendre en sa serre,
Qui produit la richesse en créant la misère,
Qui se sert d'un enfant ainsi que d'un outil!
Progrès dont on demande: « Où va-t-il? que veut-il ?
Qui brise la jeunesse en fleur! qui donne, en somme,
Une âme à la machine et la retire à l'homme! [...]
Vous avez fait des lois contre l'anarchie, faites maintenant des lois contre la
misère!
[...].³ (HUGO, 2013, p. 8126)

O poeta revoltava-se com a miséria e com as revoluções que não mudavam nada e apenas agravavam a miséria do povo. Discursou sobre a miséria na Assembleia Nacional, na qual defendia o fim da fome, exigindo que uma lei fosse criada para que isso pudesse vir a acontecer: “Vocês fizeram leis contra a anarquia, façam agora leis contra a miséria”⁴ (HUGO, 2013, p. 14478-14479, tradução nossa). Durante o exílio, que envolveu cerca de 18 anos, trabalhava em suas obras para que pudesse ter condições de ajudar a outros exilados que sofriam com a miséria, e continuar com as denúncias das injustiças. Já em Guernesey, dava almoços uma vez por semanas para crianças.

Quanto a seu posicionamento contra a pena de morte, faz-se visível principalmente com sua obra *O último dia de um condenado* (1829), sentindo ele próprio ser um condenado à morte. Anos antes havia presenciado a decapitação de quatro condenados na praça de Grève, mas mesmo em 1827 já se mostrava contra tal forma de punição, e dizia precisar mostrar seu posicionamento sobre aqueles que eram condenados e sobre os acorrentados nas galés. Ele era tão convicto do que defendia a ponto de se

³ [...] Trabalho ruim que leva tenra idade em sua estufa, / Quem produz riqueza criando miséria, / Quem usa uma criança além de uma ferramenta! / Progresso do qual se pergunta: “Para onde vai? O que ele quer?”
Quem quebra a juventude em flor! que dá, em suma, / Uma alma para a máquina e a tira do homem! [...]. (Tradução nossa).

interpor para que, em um dos levantes de 1830, a tropa não matasse uma criança a ser fuzilada, conseguindo a libertação da mesma. Alguns anos depois, em 1848, Lamartine (1790-1869), como ministro eleito, propõe a abolição da pena de morte. Hugo, quando eleito, discursou na tribuna da Assembleia Nacional em 1848 perguntando o que é a pena de morte: “[...] A pena de morte é o sinal especial e eterno da barbárie. Onde quer que a pena de morte seja esbanjada, a barbárie domina; onde a pena de morte é rara, a civilização reina.”⁵ (HUGO, 2013, p. 16807, tradução nossa). No entanto, a pena de morte foi reestabelecida pouco depois, em 1850.

Seu desejo era que o povo fosse instruído, para que a sociedade fosse construída na igualdade de oportunidades e justiça. Tecia críticas ao governo e queria chamar a atenção dos ministros a essa causa tão importante, ao mesmo tempo mostrando que a pena de morte não mudaria o comportamento do povo, que não mudaria a situação de miséria em que as pessoas se encontravam: “Como levar esses ministros a compreenderem ‘que o coração social tem um vício no sangue’, gerado pela falta de instrução do povo e daí haver ‘tantos forçados, tantas prostitutas’? O mal não se curaria com tiros de canhão, [...]” (GALLO, 2006a, p. 333). Em seu discurso sobre a liberdade do ensino, ele defendia a educação gratuita e obrigatória, ofertada pelo estado, e que houvesse escolas em todos os lugares.

Eu disse qual era o objetivo a ser alcançado, [...] quero que a escada da ciência seja firmemente erguida pelas mãos do Estado, colocada na sombra das massas mais escuras e mais escuras, e culminando na luz; quero que não haja solução de continuidade e que o coração do povo seja colocado em comunicação com o cérebro da França. (HUGO, 2013, p. 16831, tradução nossa)

Ele acreditava que grande parte do problema enfrentado no país era causado pela miséria e pela ausência do acesso à educação. Sabia da força de sua voz e esperava pelo dia em que mudaria a sorte do povo e o rumo da história. Ele insistia: “Clamo a toda altura pelo dia em que as questões sociais substituirão as questões políticas” (GALLO, 2006a, p. 373).

Victor Hugo foi até o fim a favor do povo, dando voz aos excluídos, usando a literatura como meio para sua denúncia chegar a todos, usando o palco dos teatros e a tribuna na assembleia para gritar: “[...] Não se deve fazer sofrer o povo! Não se pode deixá-lo com fome! [...] É ao governo que dirijo esse aviso!” (GALLO, 2006b, p. 42-43).

⁵ No original: *La peine de mort est le signe spécial et éternel de la barbarie. Partout où la peine de mort est prodiguée, la barbarie domine ; partout où la peine de mort est rare, la civilisation règne.*

Foi chamado por Théophile Gautier (1811-1872) de “o maior poeta da França” (GALLO, 2006b, p. 120). Sua posição em favor do povo, lutando pelas pessoas, foi o que o tornou um poeta social, recebendo a admiração do povo francês e de outros países. Para ele, ser favorito do povo valia mais. Segundo Gallo (2006), ele não se importava em irritar as classes altas desde que pudesse despertar o povo, pois queria ter o direito de cessar represálias, de impedir que o sangue fosse derramado. Acreditava ser dever do poeta alertar sobre o presente e aquilo que o futuro reservava, comparando-se a um profeta.

[...]
*Le poète en des jours impies
Vient préparer des jours meilleurs.
Il est l'homme des utopies.
Les pieds ici, les yeux ailleurs.
C'est lui qui sur toutes les têtes.
En tout temps, pareil aux prophètes.
Dans sa main, où tout peut tenir.
Doit, qu'on l'insulte ou qu'on le loue.
Comme une torche qu'il secoue,
Faire flamboyer l'avenir !*

*Il voit, quand les peuples végètent !
Ses rêves, toujours pleins d'amour.
Sont faits des ombres que lui jettent
Les choses qui seront un jour.
On le raille. Qu'importe ! il pense.
Plus d'une âme inscrit en silence
Ce que la foule n'entend pas.
Il plaint ses contempteurs frivoles ;
Et maint faux sage à ses paroles
Rit tout haut et songe tout bas ! [...]*⁶
(HUGO, 2013, p. 5391)

No poema supracitado, *La fonction du poète* (A função do poeta), já no título Hugo deixa claro seu posicionamento sobre a função do poeta e a que ele exerce enquanto poeta, a de alertar o povo por meio da arte, e com esse pensamento que ele escreve suas obras com temáticas sociais, trazendo o povo como seus personagens, a situação atual do século

⁶ [...] O poeta em dias ímpios / Vem se preparar dias melhores.
Ele é o homem das utopias. / Pés aqui, quero-os em outro lugar.
Ele é o único na mente de todos. / Em todos os momentos, como os profetas.
Na mão dele, onde tudo pode caber. / Deve, quer o insultemos ou o elogiemos.
Como uma tocha que ele balança, / Faça o futuro brilhar!
Ele vê quando as pessoas vegetam! / Seus sonhos, sempre cheios de amor.
São feitos das sombras lançadas sobre ele / As coisas que um dia serão.
Nós rimos dele. O que isso importa! ele pensa. / Mais de uma alma inscrita em silêncio
O que a multidão não ouve. / Ele tem pena de seus desprezadores frívolos;
E muitos falsos sábios às suas palavras / Ri alto e pensa baixo! [...]. (Tradução nossa).

XIX como enredo. A revolução trazida em sua escrita muda o curso da literatura, abrindo caminho para novos estilos literários.

1.2 A revolução literária de Victor Hugo no século XIX

Victor Hugo revolucionou a literatura e também presenciou as revoluções sociais do século XIX, sua arte marcou todo o período. Antes de Hugo, a arte romântica não tinha uma teoria, e, segundo Moretto (2003), isso permitiu que a narrativa evoluísse em várias direções. Mas o referido autor logo deixou de seguir a estética estrangeira e fez a sua própria, permitindo-nos perceber uma evolução em seus dramas, seus romances e poemas. Ele se torna um poeta muito mais próximo ao povo, um poeta preocupado com o futuro da sociedade. Carpeaux (2012) fala que a repercussão do Romantismo ocorreu pelo teatro melodramático de Hugo que explorava as crises e os choques históricos e fazia relação com a atualidade política, transformando o palco em tribuna, a plateia em comício, tornando uma sessão da Câmara dos Deputados. A exemplo de *Marion de Lorme* (1831), ao tratar da mulher decaída e censurada pela sociedade, a pena de morte de Didier e a falta de compaixão dos religiosos.

Tendo apenas 25 anos, pretendia mudar o curso da literatura francesa, e sabia que travaria batalhas e que da escola romântica surgiriam grandes nomes da arte da palavra. Ainda escrevendo a peça *Cromwell* (1827), já tinha em vista que “[...] Era preciso fazer dessa peça um manifesto para uma nova maneira de se compor um drama.” (GALLO, 2006a, p.237). O prefácio da obra intitulado *Do grotesco ao sublime* aborda uma teoria debatendo décadas de discursão sobre os fundamentos do drama. Essa teoria vem a ser considerada o principal manifesto da escola romântica na qual o autor vem a se distinguir, tornando-se o principal nome do Romantismo francês. Essa teoria por ele elaborada sobre o drama romântico rompeu com as regras fixas do Classicismo, sendo criticado por esses poetas apegados à tradição e aclamado pela nova geração, a romântica.

[...] o estilo drama, quereríamos um verso livre, franco, leal, que ousasse tudo dizer sem hipocrisia, tudo exprimir sem rebuscamento e passasse com um movimento natural da comédia à tragédia, do sublime ao grotesco; alternadamente positivo e poética, ao mesmo tempo artístico e inspirado, profundo e repentino, amplo e verdadeiro; que soubesse quebrar a propósito e deslocar a cesura para disfarçar sua monotonia de alexandrino; [...]. (HUGO, 2010, p.77).

Poucos anos depois, em 1830, estreou no teatro a peça *Hernani* (1830), artistas travaram ali o que foi chamado de Batalha de Hernani, que teve um significado imenso, marcando uma ruptura na história do teatro. Foi a disputa entre os românticos e os classicistas, em que a liberdade dos versos, sem unidade de tempo, espaço e tom de Hugo e até mesmo as rimas femininas encadeadas foram motivo para o confronto. A peça foi escrita por Hugo inspirando-se nas suas memórias de infância do vilarejo Ernani, na Espanha. A peça foi aceita em 1829 pela Comédie-Française, mas logo a censura atacou fazendo Hugo contra-atacar: “[...] A censura é minha inimiga literária, a censura é minha inimiga política. A censura é por direito improba, desonesta e desleal. Eu acuso a censura...”. (GALLO, 2006a, p. 274). *Hernani* foi aceita, sua estreia foi marcada pelo apoio recebido dos amigos, dentre os quais estava Théophile Gautier vestindo um colete vermelho, aplaudindo a peça enquanto classicistas vaiavam. Apesar das paródias e dos escárnios, a peça foi considerada um sucesso.

Após o sucesso no teatro com *Hernani*, Hugo publicou o romance *Notre-Dame de Paris* (1831), no qual o autor apresenta uma Paris da era medieval, de 1482. Nessa obra, Hugo traz o conceito de grotesco e de sublime ao falar da catedral e de seus personagens. Assim, “Por que não fazer surgir, ao redor de Notre-Dame, toda a população de mendigos e ladrões, criminosos que se cruzavam ainda nas ruas e pareciam vir da idade média? Porque não escrever um drama, com a catedral gótica bem no centro? [...]” (GALLO, 2006a, p. 255). Além desses elementos, o autor trouxe ainda aspectos sociais dos quais sempre fazia questão de transparecer em suas obras, como a pena de morte.

Devemos lembrar que a pena de morte – [...] quase banida das nossas leis e das nossas cidades, de Código em Código acuada, expulsa de praça em praça, tenha apenas em nossa imensa Paris, um último refúgio infame na Grève, com aquela miserável guilhotina furtiva, inquieta, envergonhada, parecendo sempre temer ser pega em flagrante delito, tanto que rapidamente desaparece, logo depois de dar seu espetáculo! (Hugo, 2015, p. 86-87).

Publicado por pressão de seu editor Gosselin (1795-1859), entregou o manuscrito da obra faltando algumas páginas de conclusão, sentindo nunca antes ter adentrado tanto em uma obra, por ter passado noites em claro escrevendo e pela quantidade de pesquisa feita para a escrita da obra. Por sua vez, Lamartine criticou a obra: “Nada vejo em nosso tempo que se compare a *Notre-Dame de Paris*. É o Shakespeare do romance, é a epopeia da Idade Média... É, porém, imoral, por faltar a Providência, de forma tão sensível. [...]”. (GALLO, 2006a, p. 298).

Seus trabalhos seguintes foram peças de caráter histórico e com críticas à sociedade. *Marion de Lorme* (1831) se propôs a apresentar uma mulher como personagem principal, algo que não era tão recorrente na época, mas a peça foi proibida. O autor colocava em cena uma cortesã arrependida, afastando-se da vida leviana e amada por um jovem puro. *O rei se diverte* (1832) teve suas apresentações suspensas e logo foi proibida. Hugo queria mostrar que enquanto uns se divertem, outros sofrem: “Hugo queria descrever o impiedoso egoísmo dos grandes, zombando cruelmente do [...] pobre coitado, vítima da fatalidade.” (GALLO, 2006a, p. XX). Ele se sentia indignado. Já *Lucrecia Borgia* (1832) descrevia uma mulher pecadora e criminosa, que matou o filho e foi morta por ele. *Maria Tudor* (1833), por sua vez, mostrava a ascensão, a queda e a execução de Fabiani, o favorito da rainha. Essas obras já traziam um teor social, a denúncia feita pelo autor em relação à situação da mulher com suas personagens históricas, o descaso do rico para com os necessitados.

O romance *Os miseráveis*, finalizado apenas em 1861, em Guernesey, no nono ano de exílio nas ilhas do Canal da Mancha, era o que Hugo esperava ser o ponto principal e o mais alto de sua obra, segundo Gallo (2006), e enquanto o revisava, sentia se tratar da obra da sua vida, não apenas por ter levado mais de uma década para escrever, mas por tratar de tudo aquilo em que acreditava piamente reunido em uma só obra. Ele ansiava pela reação do povo francês, e soube do enorme sucesso e de que as obras rapidamente se esgotaram. Exigiu a seu editor por obras de baixo custo, para que o livro pudesse circular: “[...] fazendo penetrar o livro nas camadas mais profundas e inesgotáveis do povo! [...]”. (GALLO, 2006a, p. 229). O livro foi um sucesso, aclamado por uns e criticado por outros, mas o autor estava satisfeito com sua grande obra, que combatia tão claramente as injustiças sociais, dando voz às minorias e destacando as necessidades sociais dos miseráveis.

1.3 As musas de Victor Hugo

Victor Hugo foi criado com a mãe, Sophie Trébuchet (1772-1821), em boa parte de sua vida. Ela era tida como uma mãe persistente, era meiga, atenta e amorosa com os filhos, mas implacável contra o mundo ao redor: opunha-se ao império, e supostamente foi amante de Lahorie (1766-1812), padrinho de Hugo e que teria conspirado contra Napoleão. Victor Hugo tinha grande admiração por sua mãe, pela força e coragem que ela demonstrava ter, lutando contra as investidas de Leopold durante a separação,

conseguindo a guarda dos dois menores e a pensão para sustentá-los. Mesmo separados durante um tempo, ela encontrava uma forma de conseguir ver os filhos, o que era sempre uma alegria para Victor. O pai não tinha ideia do que a mãe representava para ele. Sophie sempre o apoiava, não foi diferente quando começou a escrever. Ele a declara sua musa: “Ocupas em mim o lugar de tudo: ocupa então o lugar de musa”⁷ (GALLO, 2006a, p. 135, tradução Jorge Bastos).

*Chère et bonne maman, toi qui dès mon enfance
M'élevas, me nourris,
Accepte ce tribut de la reconnaissance
Que t'offre un des tes fils.
C'est en vain que le soir, le malheur qui m'opresse
M'ôte la liberté.
Je vais faire éclater la joie et la tendresse,
De ce cœur enchanté.
Que ne te dois-je point ?...⁸ (GALLO, 2006a, p. 108)*

Outra presença feminina foi Adèle Foucher (1803-1868). O relacionamento dos dois remonta à infância, quando brincavam juntos no jardim de Feuillantines, ele se apaixonou por ela e já aos 17 anos dedicou-lhe o seu primeiro poema de amor: “*Premier soupir*” (1828). Nele, diz não poder viver sem ela, descrevendo um amor verdadeiro. Após chorar a morte da mãe em 1821 - “Tudo é amargo, presente e passado... A mãe está morta! [...]” (GALLO, 2006a, p. 172) - Adèle se tornou um reconforto, na tentativa de preenchimento de um vazio causado pela perda. Ele a comparava a uma divindade e dizia em versos que ela o consolava. Para sua alegria, após ser agraciado com a pensão do rei, sendo o suficiente para ter o mínimo para viver com Adele, casou-se com ela em 1822, com 20 anos, na mesma capela em que o corpo de sua amada mãe foi velado. Era possível ver o quanto a amava pelos poemas que escrevia, ela era sua inspiradora; “É pena! te amo tanto que basta teu nome e choro! / Choro, pois a vida é tão plena de males!”⁹ (GALLO, 2006a, p. 195, tradução Jorge Bastos).

Com ela, teve cinco filhos: Léopold (1823-1823), Leopoldine (1824-1843), Charles (1826-1871), François-Victor (1828-1873) e Adèle (1830-1915). A influência de

⁷ No original : *Tu me tiens lieu de tout: tiens-moi donc lieu de muse.*

⁸ Cara e boa mamãe, tu que desde minha infância / Criou-me e nutriu,
Aceita este tributo do reconhecimento / Que te oferece um de teus filhos.
É em vão que à noite, a desgraça opressora / Tira-me a liberdade.
Farei transbordar alegria e ternura, / Desse coração encantado.
O que não devo a ti?... (Tradução Jorge Bastos)

⁹ No original : *Hélas ! Je t'aime tant qu'à ton nom seul je pleure ! Je pleure, car la vie est si pleine de maux !*

Sophie e Adèle em Hugo foi tamanha que o poeta virá a ser conhecido como o poeta da maternidade, da família, em que ele transformará suas personagens mães em heroínas. Contudo, seu casamento teve crises e, ao que tudo indica, Adèle o traiu com seu amigo, o crítico literário Saint-Beuve (1804-1869). O casal continuou junto, mesmo sem manter a vida conjugal. Nunca desfizeram o casamento, e ela foi sua amiga nos muitos momentos em que ele precisou dela. Victor só veio a conhecer outra mulher em 1833, enquanto preparava a encenação de sua peça *Lucrecia Bórgia* (1832).

Essa mulher foi Juliette Drouet (1806-1883), uma atriz que contracenou em duas de suas peças e que logo se tornou sua amante oficial. É válido destacar que ela era amante de outros homens antes de Hugo assumir suas dívidas e torná-la só sua: “Continuava a ser o bom pai, brincando com as crianças, o marido tolerante, [...]”. (GALLO, 2006a, p. 322). No golpe de estado de Napoleão III, Juliette é quem o ajuda a se esconder e fugir para fora da França, vindo a se exilar na Bélgica. Pouco depois ela o segue, levando os manuscritos que ela copiava para ele. Victor tinha um olhar de carinho para Juliette. E para ela também escreveu poemas, que traziam uma presença que iluminava a escuridão. “Sim, eu sou o olhar e você a estrela. / eu contemplo e você irradia! / Sou a barca errante e você a vela. / Vou à deriva e você me conduz! [...]”¹⁰ (GALLO, 2006a, p. 326, tradução Jorge Bastos).

Apesar de amar a todos os seus filhos, Leopoldine, ou como chamava-a Didine, era seu tesouro, amava-a demais. Quando ela nasceu, seu encantamento se fez mostrar em versos: “Poeta, creio ver aí um anjo, / Pai, vejo aí meu filho”¹¹ (GALLO, 2006a, p.229, tradução Jorge Bastos) - segundo Gazier (2002), ela foi sua luz e sua alegria. Estava em uma viagem com Juliette quando soube da morte de Leopoldine; ela era casada com Charles Vacquerie, e ambos morreram num acidente de barco. Segundo Gallo (2006), Hugo amava-a mais do que poderia expressar. A morte da filha tão amada mudou toda sua forma de ver o mundo e abriu uma ferida que era impossível de curar. Escreveu:

Parecia-me tudo não passar de um sonho medonho,
Ela não podia de tal maneira me deixar,
E eu a ouvia rir no quarto ao lado,
Era impossível, enfim, que estivesse morta,
Eu a veria entrar por aquela porta!¹²

¹⁰ No original: *Oui, je suis le regard et vous êtes l'étoile. / Je contemple et vous rayonnez! / Je suis la barque errante et vous êtes la voile. / Je dérive et vous m'entraînez!*

¹¹ No original: *Poète, j'y crois un ange, / Père, j'y trouve mon enfant.*

¹² No original: *Il me semblait que tout n'était qu'un affreux rêve, / Qu'elle ne pouvait pas m'avoir ainsi quitté, / Que je l'entendais rire en la chambre à côté, / Que c'était impossible enfin qu'elle fût morte,*

(GALLO, 2006b, p. 16, tradução Jorge Bastos)

Ele tenta esquecer essa grande dor nos braços de uma outra mulher, Léonie d'Aunet (1820-1879), jovem e bela, pela qual ele teve uma ardente paixão, porém ela era casada. Esse fato vem a ser um problema, os dois serão pegos em flagrante pelo marido, acompanhado pela polícia. Hugo só não foi preso graças à sua influência na corte. Entretanto, essa paixão não apaga a dor da perda, e a morte de Claire, filha de Juliette, faz ele reviver a dor da perda de Leopoldine. Ele escreveu um poema contando sobre a visita feita ao túmulo da filha.

*Seul, inconnu, le dos courbé, les mains croisées,
Triste, et le jour pour moi sera comme la nuit. Je ne regarderai ni l'or
du soir qui tombe,
Ni les voiles au loin descendant vers Harfleur,
Et quand j'arriverai, je mettrai sur ta tombe
Un bouquet de houx vert et de bruyère en fleur.*¹³
(HUGO, 2013, p. 6077)

Cada vez que lembrava da sua amada, inteligente e graciosa filha perdida, ele sofria com a dor e foi a ela que ele rezava em seus momentos de aflição, sendo ela o anjo que o acompanhara por toda a sua vida.

Essas mulheres que foram presentes na trajetória de Hugo tiveram um grande impacto na vida do autor, que transformou seu ponto de vista no tocante à sociedade na qual ele estava inserido, diferenciando-o em relação a outros autores que eram seus contemporâneos. Victor Hugo, ao tratar de mulheres em suas obras, buscava formas de denunciar a situação de desamparo e da falta de liberdade em que se encontravam, seja em relação à sociedade, às artes ou às leis.

Et que j'allais la voir entrer par cette porte!

¹³ No original: Sozinho, desconhecido, costas curvadas, mãos cruzadas, / Triste, e o dia para mim será como a noite.

Não olharei para o ouro da tarde que cai, / Nem as velas ao longe descendo em direção a Harfleur,
E quando eu chegar, vou colocar no seu túmulo / Um buquê de azevinho verde e urze florida.

2 AS MULHERES DE HUGO

Ao usarmos o termo “mulheres de Hugo”, referimo-nos a todas aquelas mulheres que o rodeiam, sejam elas reais ou fictícias. A exemplo disso, lembremos que ele foi criado por sua mãe. Sobre seu casamento, mesmo não tendo dado certo, o casal decidiu por preservar uma relação de companheirismo. Ele mantinha a ex-esposa próxima como sua amiga, sabendo da importância daquela mulher em sua vida, assim como investiu num relacionamento amoroso com Juliette, sua amante. Lembremos também de seu amor devoto por sua tão querida filha Leopoldine e suas personagens que foram protagonistas em suas histórias. O autor foi um homem que acreditou na causa das mulheres, e isso aparece em suas obras e em sua vida política.

Suas personagens têm características semelhantes, como a redenção da mulher pecadora, redenção essa que poderia vir através do amor puro, como na peça *Marion de Lorme* (1831), ou com a morte da mulher, como na peça *Lucrecia Borgia* (1833). Esse protagonismo da mulher ao estilo de Hugo só é possível ser visto no período romântico, que, apesar da idealização da mulher da qual ele também faz uso, comparando-a à natureza, principalmente em seus poemas, o escritor usa também a imagem da mulher explorada em virtude de sua condição numa sociedade que a subjuga, condizendo com a realidade vista nas ruas. Segundo Szabo e Santos (1989), Hugo culpa os homens e os ricos pela situação da mulher, além de si mesmo enquanto membro da sociedade. Ele defende as cortesãs contra a sociedade escrevendo sobre elas, trazendo então outra visão a respeito daquelas mulheres. Eram mulheres exaltadas por poetas na literatura, mas a realidade social não lhe permitia uma emancipação, elas continuavam sendo desvalorizadas na vida real.

Segundo Viard (2010), a exaltação da mulher e da mãe no Romantismo se deu devido à carência maternal, ainda que a nosso ver Hugo não tenha essa carência, pois tinha sua mãe presente. O movimento traz ainda a mulher pura, inocente, mas essa pureza consistia na abstenção das relações sexuais antes e em volta do casamento, divinizada e comparada à natureza. Ainda de acordo com o autor, Hugo sobe ao nível de Rousseau (1712-1778) fazendo de sua poesia um hino à vida. Contudo, o início do Romantismo fez com que a mulher se tornasse a heroína das obras românticas e é nesse aspecto que Hugo é destacado por Viard (2010) como o poeta da maternidade e da família, e completamos, como defensor das causas femininas. Entretanto, o Romantismo não era muito bem-visto pelos classicistas, já que a paixão era posta como um oposto ao casamento, que essa

paixão levava à morte. Nesse contexto, Hugo colocou em cena a cortesã e sua redenção, condenando uma sociedade que permitia essa exploração do corpo da mulher.

2.1 Século XIX e a exaltação da mulher

Carpeaux (2012, p. 19) define o Romantismo como: “[...] ‘um movimento literário que, servindo-se de elementos historicistas, místicos, sentimentais [...] defendeu-se contra o objetivismo racionalista da burguesia, pregando como única fonte de inspiração o subjetivismo emocional’”. Ele ainda diz que o Romantismo é uma literatura política, mesmo quando pretende ser apolítica. Guinsburg (2011, p. 14), por sua vez, define o Romantismo como: “[...] o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. [...]”. Já Elia apud Reynold (2011, p. 114) traz uma visão mais abrangente do que foi o Romantismo: “[...] Não há, pois, somente um Romantismo poético, literário, há um Romantismo político, social, religioso. [...] O Romantismo vai da arte à história. A tudo envolve, a tudo impregna, como uma atmosfera.”. Portanto, o Romantismo foi um movimento de grande importância, foi a libertação da arte em relação às regras fixas, a porta de entrada para que os outros movimentos literários pudessem acontecer de forma mais livre.

Bénac (1963) aponta o Romantismo como o responsável pela liberdade total da arte. As doutrinas literárias focaram na preocupação com o social, surgindo logo após alguns autores se oporem às convenções sociais, protestando contra a sociedade e a moral social, buscando inspirações de disposição mais geral e social, reivindicando liberdade, justiça e progresso, reivindicando os direitos da mulher, buscando em suas obras uma forma de emancipá-las. A condição em que viviam as mulheres motivou os românticos a denunciarem essa injustiça social e procurarem uma igualdade não somente social, mas de gênero. Essas ideias sociais, no entanto, vêm surgir apenas após 1830, apesar de algumas resistências. Victor Hugo foi um dos autores que prestou apoio à luta contra a discriminação e exploração das mulheres, escrevendo inclusive para o jornalista Léon Richer (1824-1911), declarando seu apoio à causa, ao mesmo tempo em que criticava a sociedade.

[...] o homem colocou todos os direitos do seu lado e todos os deveres do lado da mulher. Daí um problema profundo. Daí a servidão da mulher. Na nossa legislação como está, a mulher não tem posses, não tem justiça, não vota, não conta, não é. Há cidadãos, não há cidadãs. Este é um estado violento: deve cessar. [...] Esperemos [...] compreender que uma sociedade está malfeita quando a criança é

deixada sem luz, quando a mulher é mantida sem iniciativa, quando a servidão se disfarça sob o nome de tutela, [...] e reconheceremos que, mesmo do ponto de vista do nosso egoísmo, é difícil combinar a felicidade do homem com o sofrimento da mulher. (HUGO, 2013, p. 15274-15275, tradução nossa).¹⁴

Ele ainda adverte o governo quanto ao problema enfrentado na sociedade de uma maneira geral, englobando todas as causas que necessitam de atenção, além de apoiar a causa das mulheres. O poeta é enfático em seu posicionamento social.

Durante o período romântico, mais precisamente no século XIX, a figura feminina foi fonte de inspiração e parte fundamental de muitas obras, fosse na literatura, na pintura ou em outras expressões artísticas, sendo enaltecida pelos autores e pintores românticos. Para enfatizar esse enaltecimento da mulher, muitos autores até lhe atribuíam características idealizadas que remetiam à natureza. Nas pinturas e na literatura da época, muitas heroínas eram virgens, garotas vulneráveis. como por exemplo na obra de Almeida Júnior (1850-1899), *Moça com livro*. A virgindade e o sensualismo também eram muito valorizados nas obras românticas.

A divinização/exaltação da mulher feita pelos românticos veio da necessidade de expressar os sentimentos, os desejos do coração, opondo-se assim ao Classicismo, que focava principalmente na razão. Os românticos não consideravam as paixões como fraqueza, mas como algo superior que determinava suas existências, externando uma sede pela sensibilidade de forma acentuada, que se configurava no mesmo plano que a mulher, daí a divinização da mulher, como disse Bénac (1963). Nerval exalta a mulher em seu poema.

*Une femme est l'amour, la gloire et l'espérance;
Aux enfants qu'elle guide, à l'homme consolé,
Elle élève le cœur et calme la souffrance,
Comme un esprit des cieux sur la terre exilé.*¹⁵
(NERVAL, 2000, p. 34).

¹⁴ No original: [...] l'homme a fait verser tous les droits de son côté et tous les devoirs du côté de la femme. De là un trouble profond. De là la servitude de la femme. Dans notre législation telle qu'elle est, la femme ne possède pas, elle n'est pas en justice, elle ne vote pas, elle ne compte pas, elle n'est pas. Il y a des citoyens, il n'y a pas de citoyennes. C'est là un état violent ; il faut qu'il cesse. [...] espérons-le, à comprendre qu'une société est mal faite quand l'enfant est laissé sans lumière, quand la femme est maintenue sans initiative, quand la servitude se déguise sous le nom de tutelle, [...] et l'on reconnaîtra que, même au point de vue de notre égoïsme, il est difficile de composer le bonheur de l'homme avec la souffrance de la femme.

¹⁵ Uma mulher é amor, a glória e a esperança / Aos filhos ela guia, ao homem consolado, Ela eleva o coração e acalma o sofrimento, / Como um espírito do céu na terra exilado. (Tradução nossa).

Hugo também faz uso dos versos, mas traz uma mulher diferente a ser exaltada, bela e que o chamou atenção, tem a questão da crítica a respeito da exploração do corpo feminino, tido como objeto a ser vendido.

*Me dit tout bas : — Monsieur veut-il de cette fille ?
Ô pauvre colibri que vend une chenille!*¹⁶
(HUGO, 2013, p. 8537)

Contudo, ao longo do século, a mulher não será apenas exaltada por sua beleza e delicadeza. A imagem feminina irá aparecer de duas formas: a mulher anjo, purificada, bela, nobre, sensível, benfeitora, que reflete a luz divina, inspiradora, portadora de uma aparência evanescente, representada de forma elegante, refinada, bonita, o modelo perfeito continua sendo usada e aparece em muitas expressões culturais ao longo do tempo, mas nem todos esses valores permaneceram os mesmos. A mulher também pode ser representada como maléfica, profana, demonizada, trazendo tormento.

Eugène Delacroix (1798-1863) pinta a mulher como a personificação de um ideal de Liberdade em sua obra *A liberdade guiando o povo* (1830). A mulher é centralizada em sua pintura, erguendo a bandeira tricolor, como podemos observar através da figura 2. A República Francesa também tem representação feminina, chamada de Marianne. Assim como a pátria, a revolução e a democracia são palavras femininas e que podem ser personificadas com a imagem de mulher.

¹⁶ Disse-me em voz baixa: “Senhor quer esta menina? / Ó pobre beija-flor vendido por uma lagarta! (tradução nossa).

Figura 2 - Tela *A Liberdade guiando o povo*, de Eugène Delacroix.



Fonte: Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/cb/5f/15/cb5f153484d6ea50c647ca91851b6a2d.jpg>.
Acesso em: 30 set 2022.

Entretanto, a representação da amada perfeita e do amor, em grande parte é utópica, algo irreal e inatingível. Por essa razão, nas obras, sofria-se por um amor impossível, com a amada idealizada podendo também ser relacionada à pátria e aos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, lema da Revolução Francesa do século XVIII. Tal preceito pode ser correlacionado à pátria, que, apesar das várias revoluções, ainda não chegou ao ideal esperado pelos românticos. Esse sentimento de perda dos ideais, femininos, como já colocamos, leva a uma tristeza profunda, expressa nas obras românticas.

2.2 A personagem feminina

As personagens femininas que têm o papel central nas obras de Hugo aparecem como um meio de representar o ocorrido em determinada época, ou mesmo o que pode vir a acontecer, ainda que pelas lentes do Romantismo. Assim, passado e presente são trabalhados para se entender a sociedade, levando a uma compreensão das estruturas sociais e da evolução da humanidade. Usando o nome de *Marion de Lorme* (1829), nesta obra, o autor retrata a história de uma famosa cortesã, uma mulher que foi moralmente

reprovada pela sociedade da época - até mesmo quando a peça foi encenada, foi proibida por Carlos X (1757-1836). Todavia, essa personagem ganha a afinidade do público, por se mostrar arrependida e pelo seu amor a Didier, que no entanto se mostra insuficiente para que essa peça tenha um final feliz: “Em nome de seu Cristo, em nome de sua raça, Graça! Graça para eles, Monsenhor!”¹⁷ (HUGO, 2013, p. 11414, tradução nossa). Ela suplicou pela vida de seu amado, mas não obteve sucesso: “Não haverá graça!”¹⁸ (HUGO, 2013, p. 11414, tradução nossa). Não lhe concedem essa graça - a morte separando os amantes.

Victor Hugo, em suas obras, sejam elas dramas, poemas, romances ou em seus discursos na Assembleia Nacional, conseguia induzir os leitores a sentirem complacência por aqueles que estão à margem da estrutura social. Despertando a empatia da sociedade com a difusão de seus romances, ou fazendo uso do mesmo como canal de denúncia das injustiças que ele mesmo presenciava, ele lutava com as suas próprias armas para a construção de um mundo mais justo. O fato de nem sempre trazer finais felizes, mas mostrar as injustiças sociais indica que ele atacava aqueles que reforçavam essa estrutura, que exploravam as minorias, culpando o próprio governo e todos os seus representantes.

Uma outra personagem sua que possui certa semelhança com Marion é Fantine, personagem essa que vem a ser apresentada em *Os miseráveis*. Ela não aparece como uma figura central do romance, mas possui grande influência no decorrer do primeiro dos cinco livros. Em ambas as histórias, Hugo culpa a sociedade pela decadência das cortesãs, explicitando ainda mais nestas personagens o seu ponto de vista. Através dessas mulheres, o autor culpa de forma mais veemente a sociedade pela degradação e escravidão impostas duplamente por ser mulher e prostituta, vindo a ser julgadas por um padrão moral que não foi criado por elas, mas pelos homens, que não são julgados por usufruírem de mulheres em posições como as delas. No poema “*Melancholia*”, escrito em 1838 e publicado na coletânea *Les Contemplations* (1856), Hugo relata o sofrimento de uma jovem órfã, sendo possível notar as semelhanças com a história da personagem Fantine, que virá a aparecer algum tempo depois.

[...] *Elle tousse, elle a froid. Il faut donc qu'elle meure !
A dix-sept ans ! grand Dieu ! mais que faire ?... – Voilà
Ce qui fait qu'un matin la douce fille alla
Droit au gouffre, et qu'enfin, à présent, ce qui monte
A son front, ce n'est plus la pudeur, c'est la honte.*

¹⁷ No original: *Au nom de votre Christ, au nom de votre race, Grâce, grâce pour eux, Monseigneur!*

¹⁸ No original: *Pas de grâce!*

*Hélas ! et maintenant, deuil et pleurs éternels!
C'est fini. Les enfants, ces innocents cruels,
La suivent dans la rue avec des cris de joie.
Malheureuse ! elle traîne une robe de soie,
Elle chante, elle rit... ah ! pauvre âme aux abois !
Et le peuple sévère, avec sa grande voix,
Souffle qui courbe un homme et qui brise une femme,
Lui dit quand elle vient : 'C'est toi ? Va-t'en, infâme! [...].¹⁹*
(HUGO, 2013, p. 5960).

A mulher já não aparece mais como divindade, ou algo inalcançável, mas trazendo inúmeros traços da realidade que são vistas pelo autor, a mulher que sofria com a miséria, sem que tivesse uma lei que pudesse protegê-la. Entretanto, as personagens femininas eram construídas empregando boa parte do padrão estabelecido da época, mas até onde essas personagens escritas no século XIX são uma forma de denúncia do autor? Ele ainda precisava adequar o destino da personagem às convenções morais da época, que não aceitavam uma mulher diferente dos padrões patriarcais ter um final feliz - era necessário se arrepender e sofrer ou morrer para que fosse redimida de seus pecados, para que assim a parte conservadora da sociedade não viesse a atacar a obra. Quanto à mulher idealizada, era algo que por um bom tempo se teve como verdade, ela tinha características de submissão que a tornavam inferior ao homem, tendo como contraste a mulher decaída.

Hugo culpa a falta de instrução como o causador de muitos males vigentes da sociedade do século XIX, e defende a instrução básica para todos, incluindo crianças e mulheres. Algo que podemos ver em suas obras é que as personagens Marion e Fantine não possuem uma boa instrução, que seja capaz de ajudá-las a sair da situação escravizada imposta pela sociedade. Mary Wollstonecraft (2016, p.78-79), fala sobre a questão da instrução negada à mulher e o que lhe resta fazer. “[...] Assim, o entendimento, estritamente falando, tem sido negado à mulher, e o seu instinto tem ocupado seu lugar, sublimado em perspicácia e astúcia para as coisas da vida.”. Afinal, a ignorância da mulher era vista como sinal de virtude e inocência, seu papel social era reservado ao espaço privado, como mãe e esposa.

¹⁹ Ela tosse, ela está com frio. Então ela deve morrer! / Aos dezessete! Bom Deus! Mas o que fazer?...
De modo que uma manhã a doce menina foi / Direto para o abismo, e que finalmente, agora, o que sobe
Na testa, não é mais pudor, é vergonha. / Infelizmente! e agora, luto e lágrimas eternas!
Está acabado. As crianças, esses inocentes cruéis, / Seguem-na na rua com gritos de alegria.
Infeliz! ela arrasta um vestido de seda, / Ela canta, ela ri... ah! pobre alma atormentada!
E o povo severo, com sua grande voz, / Sopra que dobra um homem e quebra uma mulher,
Diz a ela quando ela chega: “É você? Vá embora, infame! [...]”. (Tradução nossa).

Gouveia (2014, p.29) diz que “[...] A literatura é uma criação ficcional, o que não se confunde nem com mentira nem outras formas de burlar a realidade. [...]”. Portanto, o que os autores fazem ao usar a literatura como meio de denúncia, e de propor mudanças? Ele envolve o leitor na trama, levando-o a simpatizar com a personagem. Gouveia (2014) diz que “[...] a literatura distorce a realidade humana para torná-la ainda mais expressiva e convincente, [...]”. Assim sendo, o autor induz o leitor a ter um outro ponto de vista de algo que pode ser frequente na sociedade, como é a questão da mulher que sofre da opressão social.

[...] o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos. (BRAIT, 1993, p. 52).

Victor Hugo, além de usar a literatura como meio para denunciar os abusos sociais e a injustiça, enquanto homem político, subia na tribuna e discursava: “[...] Sim! era meu dever, e eu levantarei minha voz sempre que necessário para conscientizar meu país dos sofrimentos das classes infelizes... [...]”²⁰ (HUGO, 2014, p.16822, tradução nossa). Ele destacava que o povo pelo qual levantava sua voz era o povo sofrido. Seus discursos reforçavam e enfatizavam o que escreveu sobre a função do poeta, que tinha como ponto principal alertar o povo.

2.3 A luta social das mulheres

Para além da literatura e mesmo dentro desta, a luta das mulheres por direitos, por reconhecimento social e moral, é algo que, apesar da influência de escritores renomados, ouvidos e aclamados, como Victor Hugo, caminha a passos lentos, bastando um questionamento para que algo que já foi conquistado ser reconsiderado.

No final do século XVIII, é possível observarmos na França a luta das mulheres na qual Olympe de Gouges (1748-1793) fez frente, ao escrever o documento *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* (1791)²¹, em complemento ao documento *Declaração dos direitos do homem e do cidadão* (1789), já que este não abrangia as mulheres, apesar

²⁰ No original : *Si! c'était mon devoir, et j'élèverai la voix toutes les fois qu'il le faudra pour faire connaître à mon pays les souffrances des classes malheureuses...*

²¹ Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/download/911/10852/0>. Acesso em: 8 out. 2022

de que também não englobava as minorias, como negros, refugiados, judeus etc. Contudo, Olympe foi acusada de traição contra a revolução e condenada à morte, sendo decapitada na *Place de la Concorde*.

No século XIX, Hugo, ao prestar apoio juntamente com Richer à causa das mulheres, declarou: “[...] Esta será uma das grandes glórias do nosso grande século: dar como contrapeso ao direito do homem o direito da mulher; isto é, colocar as leis em equilíbrio com os costumes” (HUGO, 2013, p. 15277, tradução nossa). As mulheres tentavam obter direitos, melhorias nas condições de trabalho, direitos sociais e políticos. Hugo defendia a ideia de uma lei para a mulher - não que fosse feminista, mas via isso como um direito essencial. Em uma carta a Léon Richer, dizia ser necessário uma reforma, pois ele compreendia a submissão da mulher como uma forma de escravidão. Porém, Bonald apud Beauvoir (2009, p. 146), discordava quanto à mudança que as mulheres ansiavam afirmando que “[...] As mulheres pertencem à família e não à sociedade política, e a natureza as fez para as tarefas domésticas e não para as funções públicas. [...]”. O que Bonald não levou em consideração foram as desigualdades e injustiças que elas sofrem, as mulheres que são exploradas e maltratadas pelos companheiros, sofrendo todo tipo de abuso, que são abandonadas, por exemplo, e que têm filhos e que não possuem boas condições de trabalho, e que, apesar de tudo isso, não têm uma lei pensada para elas, que as protejam da miséria, de forma que não seja necessário recorrer a prostituição - as mulheres prostitutas não eram vistas como seres humanos.

[...] a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina. [...] De todas as causas da prostituição, escrevia em 1857 Parent-Duchâtelet durante sua pesquisa, nenhuma é mais ativa do que a falta de trabalho e a miséria, consequência inevitável dos salários insuficientes. (BEAUVOIR, 2009, p. 617).

A classe burguesa instaurou uma polícia que tinha como dever cuidar da moral da cidade e que regulava as prostitutas, que aumentavam cada vez mais, devido ao desemprego, aos baixos salários, e à crescente miséria. Eram consideradas mulheres defeituosas. As mulheres, ainda que não fossem prostitutas, eram proibidas de andarem juntas, provocar escândalos e muito menos usarem palavreados e roupas indecentes. Elas eram assim exclusas do papel social, mas não dos trabalhos subalternos. Contudo a situação vivida não condizia com os princípios da Revolução Francesa (1789-1799), que

desejava uma sociedade mais justa, que tinha por lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. A rejeição aos direitos da mulher pode ser lida como uma anulação desses princípios. Esse lema se mostrou apenas um *slogan*²², afinal, não foi algo que realmente aconteceu.

Todavia, tratando das lutas das mulheres, ainda que não tivesse um grande apoio, Hugo testemunhou em 1831, nas ruas de Paris, uma rebelião de mulheres. Seguindo ainda os levantes ocorridos em 1830. Em 1848, viu uma mulher prostituta subir numa barricada e ser morta por tiros, e logo, “[...] uma segunda mulher apareceu. Mais jovem e mais bonita, quase uma criança de apenas 17 anos’. Fechou os olhos. ‘Que profunda miséria!’ Ouviu sua voz: ‘Atirem, patifes!’, em seguida, os estampidos” (GALLO, 2006b, p. 60). Ainda que o autor não informe o motivo das rebeliões, pelo contexto dos levantes e das revoluções, a miséria era um ponto e reivindicações de direitos seria outro, entretanto, tantas revoluções com transformações não traziam tantas diferenças para as mulheres.

Mais tarde, por volta de 1872, o autor recebeu uma carta das mulheres que faziam parte do comitê da *Société pour l’amélioration du sort des femmes*. Elas se dirigiam a Victor Hugo por saber de sua reputação, e que este defendia as causas sociais, não apenas em sua vida como político, mas também através de suas obras: “Seu trabalho é um protesto longo e incansável contra o abuso da força. [...] Todo sofrimento chega até você e toca você. O direito é violado em algum lugar, em alguém; isso é suficiente para você”²³ (HUGO, 2013, p. 15275, tradução nossa).

Hugo já havia escrito e publicado *Os miseráveis*, já havia retratado vários tipos de misérias a que se sujeitava o povo, fazendo sua voz ser ouvida nos cantos mais remotos, fazendo denúncias através de suas obras, dando voz àqueles que não eram ouvidos através de seus personagens, como podemos ver em *Fantine*, dando voz à mulher sofredora, à mãe devotada, que por falta de recursos e apoio não teve outra escolha a não ser vender tudo que tinha para sustentar sua preciosa filha. Até o fim da vida, continuou lutando por igualdade, por melhores condições de vida para todos, lutando pelo fim da miséria.

²² Frase de efeito.

²³ No original: *Votre œuvre n’est qu’une longue et infatigable protestation contre l’abus de la force. [...] Toute souffrance vous atteint et vous touche. Le droit est violé quelque part, en quelqu’un ; cela vous suffit.*

3 O DEFENSOR DAS CAUSAS SOCIAIS

O romance *Os miseráveis* foi a maior obra escrita pelo autor Victor Hugo, na qual ele se propõe falar dos miseráveis vistos pelas ruas da França. Um tema que não era recorrente, colocando em evidência uma camada da população explorada e excluída. Anteriormente o autor já havia falado sobre a pena de morte em *O último dia de um condenado* (1829), de religião em *Notre Dame de Paris* (1831), da mulher pecadora em *Marion De Lorme* (1828) e *Lucrecia Borgia* (1833), sendo o tema que se assemelha em todas essas obras o amor, seja ele romântico ou materno. Na obra *Os miseráveis*, Hugo aborda todos esses temas com excelência, cada um com um personagem. O Monsenhor Myriel, trazendo uma perspectiva da religião que logo passamos a ver em Jean Valjean, um condenado a trabalhos forçados por ter roubado pão. Tocado pela bondade do bispo, ele passa a levar uma vida melhor, ajudando os necessitados tal qual o cardeal fazia. A mulher pecadora aparece em Fantine, uma moça que teve uma filha fruto do relacionamento com um estudante rico que logo a abandonou. Em consequência da miséria, ao fim da vida, a moça faz-se prostituta, sendo redimida por seu amor incondicional à rebenta.

O romance foi uma obra importante na carreira literária do autor, assim como no movimento romântico. As ideias e inspirações para essa obra tão importante foram motivadas pelo que o autor presenciava nas ruas, além de pesquisas e da história de seu país, que levaram cerca de 30 anos para serem finalizadas na escrita do livro. O teor social que engloba toda a obra pode ser visto também principalmente na vida política do autor e em seus discursos feitos na Assembleia Nacional, enquanto eleito deputado, como também na sua vida privada.

Direcionando o foco de maneira especial à personagem ficcional feminina, Fantine, observamos sua jornada na obra e a forma como ela é representada socialmente. O autor, além de fazer uso da personagem para denunciar as injustiças e a miséria enfrentada, traz aspectos físicos de forma a exaltar sua beleza, o romancista traz também o aspecto moral. O grotesco abordado pelo autor se dá com a situação de vida da personagem e com a degradação de sua aparência física resultante da miséria por ela enfrentada. Desde muito cedo, Fantine já se encontrava à margem da sociedade, sem pais e sem nome, passando por dificuldades e, logo após, estando sozinha cuidando da filha depois de ter sido abandonada pelo amante, sendo invejada por colegas de trabalho e, caindo na miséria, resta-lhe apenas vender seu corpo para que pudesse sustentar sua prole.

Hugo expõe a situação social da mulher através de sua personagem, sofrendo junto com ela, mostrando a realidade em que se encontra, indo além do conceito de belo e puro abordado por outros escritores da época. Ainda que do ponto de vista masculino, Hugo se sensibiliza com a causa feminina e presta seu suporte, tanto em suas obras quanto em sua vida político-social.

3.1 *Os miseráveis*

Victor Hugo teve a ideia de redigir um romance com uma temática voltada para a questão social, focando numa parcela da população explorada pela própria sociedade, por volta de 1832. O título seria “As misérias”, mas o livro em questão não foi finalizado. O projeto foi retomado algumas vezes ao longo dos anos sem que o autor o concluísse, porém foi durante o seu exílio na ilha de Guenersey que o escritor finalizou este projeto de trinta anos, sob o título *Os miseráveis*. Juliette, sua amante, que esteve com o autor ao longo de todo o trabalho de escrita do romance, copiava para ele a história de Jean Tréjean, um forçado²⁴ que veio a se chamar Jean Valjean, segundo Gallo (2006).

Somente em 1860, o autor retoma a escritura de *Os miseráveis*, quando está morando em Hauteville House, em Guenersey. Ele queria realizar um livro maior, que confirmasse seu domínio sobre todas as formas literárias. E mesmo antes de terminar, já havia notado que era uma obra a se perder de vista. Ela foi a obra mais extensa criada pelo autor, que visava a combater as injustiças sociais tão presentes, mas que eram pouco vistas, faladas pela sociedade. Essa temática estava ausente dos debates políticos e era pouco tratada pela literatura. O romance é dividido de forma didática, em 5 partes, intituladas: “Fantine”, “Cosette”, “Marius”, “O idílio da rua Plumet e a epopeia da rua Saint-Denis”, e, por último, “Jean Valjean”. Cada qual com livros e capítulos, facilitando a leitura para que esta siga uma forma linear.

Como dissemos, ao elaborar *Os miseráveis*, Hugo buscava “[...] escrever uma obra maior, [...] para confirmar, [...] seu domínio de todas as formas literárias.” (GALLO, 2006b, p. 209), ele representaria o inferno de cima, já que Dante (1265-1321) havia representado o de baixo. Numa primeira versão, havia escrito um prefácio filosófico, mas desistiu porque a obra já tinha um sentido claro. Preferiu redigir um outro prefácio, que resumia, segundo ele, a temática abordada no livro, que permanece atual.

²⁴ Assim chamados aqueles que eram condenados às galés (prisões) e a trabalhos forçados, para o cumprimento da pena.

Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscrição social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século – a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância – não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis. (HUGO, 2014, p. 37)

Em 30 de junho de 1861, Hugo correspondeu-se com o jornalista Auguste Vacquerie (1819-1895) dizendo ter terminado esse livro que ele sabia que, apesar de gigantesco (1500 páginas), seria lida por muitos. Segundo Gallo (2006b), ele precisava revisar seu “monstro” por inteiro, devido a tantas interrupções na escrita. O livro foi um sucesso de vendas, muitos liam e comentavam a obra. O povo teve acesso ao livro por este ter sido publicado, por exigência do próprio Victor Hugo, como edição de baixo custo. O objetivo era fazer com que todos tivessem acesso à obra. No entanto, não demorou para surgirem críticas. De fato, diziam que era um homem de excessos, contudo era perdoado por conta dos sentimentos nobres, ainda assim suas obras eram magníficas. Ele por sua vez não negou seus excessos, afinal o que trazia no livro era o que acreditava, ou seja, “[...] Eu condeno a escravidão, ataco a miséria, ensino contra a ignorância, trato a doença, clareio a noite, odeio o ódio. Isto é o que sou e é por isso que escrevi *Os miseráveis*” (GALLO, 2006b, p.227).

Vários dos personagens e situações presentes na obra foram inspirados em pessoas e acontecimentos reais e que motivaram o autor. Victor Hugo quis relatar sobre a vida de um operário que por roubar pão para sua família, recebeu cinco anos de prisão, matou um guarda, tentou suicidar-se, e findou condenado à morte. Testemunhou outra vítima da miséria, presa por ter roubado pão, homem que tinha um aspecto feroz - Hugo, na época ocupando um cargo político, vota contra a pena de morte – e fora condenado a sofrer. Anos mais tarde, o autor passa a ver com mais clareza a violência dos tempos, e sofre com as crianças que morrem de fome. Segundo Gallo (2006b), Hugo tinha notas sobre o bispo de Digne, personagem com o qual ele inicia o livro, que foi baseado em Monsenhor Miollins, conhecido por sua bondade e por ser justo. Na revolução de 1848, ouviu uma criança cantando nas ruas com barricadas que impediam a tropa de avançar, fato que pode ter sido mais uma influência para a criação do personagem Gravoche. Ele também presenciou belas moças que morreram baleadas pela tropa nas barricadas, com o autor

podendo ter usado esse fato ao traçar o destino da personagem Éponine, que morreu numa barricada protegendo Marius. “– Viu um fuzil que lhe apontava? – Sim, e uma mão que o tapou. – Era a minha. Marius estremeceu” (HUGO, 2016, p. 1190).

Hugo buscava sempre defender causas que acreditava criando personagens que sofreram por defender tais causas, mostrando assim a seus leitores outro lado da história que por diversas vezes não era visto. Segundo Viard (2010), conhecido como poeta da piedade e da esperança, ele lutava por todos aqueles que eram abandonados pela sociedade, pelos miseráveis. Ele acreditava que o mal enfraqueceria e que a humanidade seria liberta da crueldade e da servidão. Logo, por meio da personagem Fantine como representante das mulheres, buscamos compreender como o autor usa essa imagem como ferramenta de denúncia das injustiças sofridas por muitas mulheres da época.

3.2 Fantine: do sublime ao grotesco

A primeira parte do livro *Os miseráveis* tem por título Fantine, dada a importância da personagem nesse trecho inicial da narrativa. Contudo, ela é apenas introduzida pelo autor na parte Fantine, no Livro III, na qual Hugo, usando seus conhecimentos da história de seu país, resume de forma breve o ano de 1817, no capítulo II, Duplo quarteto, juntamente com outras quatro garotas que trabalham como costureiras, e pouco se sabe sobre elas. O autor assinala que Fantine é a mais jovem, a quem se referem como a loira, por ter cabelos cor de sol. Cada qual tem seu amante, e Fantine está em sua primeira ilusão amorosa. Ela era fiel e se relacionava com apenas um homem. Ele descreve Fantine como a sábia para logo mostrar as suas origens.

Fantine era uma dessas criaturas que desabrocham, por assim dizer, do seio do povo. Saída das mais insondáveis regiões das sombras sociais, trazia na frente o sinal do anonimato e do incógnito. Nascera em Montreuil-sur-Mer. Quem foram seus pais? Quem poderia dizer? Nunca souberam de seu pai nem da sua mãe. Por que se chamava Fantine? Nunca souberam que tivesse outro nome. Por ocasião de seu nascimento, existia ainda o Diretório. Nada de sobrenome, já que não tinha família; nada de nome de batismo, já que a Igreja não estava mais lá. Tinha o nome que agradou ao primeiro que a encontrou, pequenina, andando descalça pela rua. Recebeu um nome, como recebia na frente a água das nuvens quando chovia. Chamavam-na de pequena Fantine. Ninguém sabia mais nada sobre ela. Essa criatura viera assim ao mundo. Aos dez anos deixou a cidade e foi trabalhar na casa de uns sitiados dos arredores. Aos quinze foi para Paris, “em busca de fortuna”. Fantine era bela e conservou-se pura o máximo que pôde. Era uma linda moça loira

e com belos dentes. Ouro e pérolas eram seu dote, mas seu ouro estava nos cabelos e suas pérolas na boca. (HUGO, 2014, p. 162-163).

Fantine não tinha ninguém, ela amava a Tholomyès, descrito pelo autor como um homem “[...] sem dentes, cheio de rugas e começava a mostrar uma calvície [...]” (HUGO, 2014, p.163), com apenas trinta anos e malconservado. Porém, contrariamente à Fantine, para ele, o relacionamento entre os dois era apenas diversão. Fantine tinha por volta de 21 anos. Hugo a descreve ao longo da história como sendo a própria alegria, seus dentes esplêndidos mostravam o seu sorriso, seus lábios rosados. O autor a descreveu como provocadora em sua decência, a personificação do pudor, a inocência em meio ao pecado, bela sem ter muita consciência. Fantine é comparada à deusa Juno²⁵, e pouco mais à frente a Diana²⁶, apresentada como sendo tão bela que poderia ser uma estátua escultural e delicada com uma alma dentro. Seu rosto em repouso era virginal e por vezes adquiria uma gravidade com indiferença de uma deusa. Ele a representa na primavera, em que tudo é lindo e onde o amor desabrocha. Ele faz questão de destacar a beleza e a pureza da moça.

Após uma descrição que leva à beleza sublime, sendo até comparada a deusas romanas, o autor relata um passeio feito pelos quatro casais e o comportamento recatado diferenciado de Fantine em relação às outras. Nas palavras do seu amante, Félix Tholomyès, Fantine seria:

[...] uma sonhadora, pensativa e sensitiva; é um fantasma em forma de ninfa e pudor de freira, que vive extraviada como costureira, mas refugia-se nas ilusões, [...] eu, Tholomyès, sou uma ilusão; mas ela nem me escuta, a loira filha de quimeras! De resto, tudo nela é frescor, suavidade, juventude, doce claridade matinal. Ó Fantine, moça digna de chamar-se Margarida ou Pérola, você é uma mulher do mais belo oriente. [...]. (HUGO, 2014, p. 177).

Essa descrição feita por Tholomyès é uma das últimas coisas que Fantine ouve dele. Logo após este momento, o sujeito, assim como os amantes das outras moças, despede-se silenciosamente e some sem deixar vestígios. Porém, Fantine mantém essa ligação através de sua filha com o amante desaparecido. Elas riram no momento, porém ao voltar para casa, Fantine chora, afinal, foi abandonada por seu primeiro amor. Dez meses após essa despedida, surpresa, Fantine reaparece totalmente transformada,

²⁵ Deusa romana, protetora das mulheres em geral, e especialmente das esposas legítimas. Equivalente a Hera na mitologia grega.

²⁶ Deusa romana assimilada a Ártemis na mitologia grega.

apresentando-se pálida, triste, doente. Sua beleza anterior só era reconhecida através de um olhar atento. A moça ainda tentou contatar Tholomyès, mandando-lhe três cartas, mas não obteve resposta, e o amor que tinha por ele tornou-se algo funesto. O narrador nos informa somente que, vinte anos depois, era importante, influente e rico.

Aos vinte e dois anos, Fantine estava só, com sua filha no colo, a caminho de sua cidade natal, Montreuil-sur-Mer. Entretanto, no caminho, encontra a senhora Thénardier com suas duas filhas, Éponine e Azelma. A cena da mãe com as crianças comove Fantine, com quem ela deixa sua pequena Euphrasie a quem ela chamava de Cosette, com pouco menos de três anos. Ela deixou a criança para que fosse mais fácil conseguir emprego e se instalar na cidade, dada a sua condição de mãe solteira. A boa intenção da mãe para com a filha foi uma condenação para a pequena Cosette, que sofreu com os Thénardier, sendo tratada como serviçal logo que teve idade para realizar serviços domésticos, vestindo trapos. Era chamada de Cotovia, por ser pouco maior que um passarinho.

A história de Fantine, que já apresentava indícios de uma vida difícil, está apenas no início de sua decadência: o título do quinto livro “A decadência” já nos indica que o destino traçado para essa personagem não será favorável a ela. O narrador inicia explicando as mudanças ocorridas em Montreuil-sur-Mer, em decorrência de um homem misterioso que impulsionou a economia local, conhecido como Senhor Madeleine, que logo se tornou prefeito. Contudo, quando finalmente o cotidiano de Fantine começa a mudar um pouco, estabilizando-se gradativamente, possibilitando assim recuperar sua filha, o destino novamente a surpreende. As mulheres da fábrica ficaram de olho em Fantine, por inveja de sua aparência, e descobriram que ela tinha uma filha. Houve uma investigação e, após um ano na fábrica, antes mesmo de receber, por parte do prefeito, os cinquenta francos que lhe são devidos, ela foi convidada a se afastar tanto da fábrica quanto da cidade. Veremos mais a frente que o prefeito nada sabia. O preconceito da sociedade em relação a uma mãe solteira faz com que esqueçam da necessidade de Fantine de sustentar a filha, tratando-a com discriminação sem se importar com sua história e sem incriminar o pai da criança, que a abandonou.

Com a demissão, a vergonha de Fantine era tanta que não ousava sair, pois sabia que seu erro era do conhecimento de todos: “Fantine fora despedida no final do inverno; o verão passou e veio outro inverno. [...]”. (HUGO, 2014, p.224). Pagou a quem devia com o que recebeu e devolveu parte do que havia comprado, passou a trabalhar costurando para soldados, ganhava pouco e começou a falhar no pagamento para a filha. Sua tristeza era tanta que mal comia. Após alguns meses voltou a sair. Logo, recebeu uma

carta dos Thénardier dizendo que Cosette estava praticamente nua para o inverno. Sem ter como conseguir o dinheiro para comprar a roupa para a filha, foi à barbearia e vendeu seus cabelos por 10 francos.

Nessa nova fase da sua vida, teve um amante, um músico miserável, quase um mendigo, que batia nela. O amor por sua filha era tão grande que quanto mais miserável se encontrava, quanto mais difícil tudo ficava, mais amor tinha por sua amada Cosette. Ela recebeu então mais uma carta, onde diziam que sua filha estava doente, e precisavam de quarenta francos. Essa notícia a faz ficar em desespero “[...] correndo, saltando e rindo sem parar.” (HUGO, 2014, p. 225). Como conseguiria o dinheiro? Enquanto ri pelas ruas em desespero, oferecem-lhe dois napoleões de ouro pelos seus dois dentes frontais superiores. Ela não aceita, mas ao pensar na sua filha, volta e os vende. Sua vizinha a encontra “[...] sentada na cama, pálida, gelada. [...] Fantine havia envelhecido dez anos, desde a véspera” (HUGO, 2014, p. 227). Ela perdeu toda a vaidade e amor-próprio que ainda tinha. Seu trabalho, que mal dava para se sustentar, foi diminuído, fazendo com que fosse perseguida pelos credores. E mais uma vez recebeu uma carta dos Thénardier exigindo cem francos, ou Cosette iria para a rua. “-Vamos lá! – disse ela. – Vamos vender o resto. E a infeliz fez-se prostituta” (HUGO, 2014, p. 229). A visão de pureza que lhe era atribuída no início é desfeita quando ela vende seu corpo. Sua filha passa a ser esse anjo puro que um dia ela foi, e assim ela permanecerá ao longo da história. Todo o sacrifício feito pela filha não passaram de armações dos Thénardier para arrancar ainda mais dinheiro daquela pobre mulher. Victor Hugo coloca em cena uma história triste, de exploração da mulher. Ele a compara a uma escravizada, fazendo lembrar da carta que fez para o jornalista Léon Richer, e na qual Beauvoir (2016) também afirma: o trabalho da mulher ainda está ligado à escravidão. Ele condena a sociedade pela mulher que cai em desonra, por permitir que a miséria a leve ao último estágio de degradação, que é a prostituição.

O que é essa história de Fantine? É a sociedade comprando uma escrava. De quem? Da miséria. Da fome, do frio, do isolamento, do abandono, da privação. Dolorosa negociação. Uma alma por um pedaço de pão. A miséria oferece, a sociedade aceita. [...] No ponto em que chegamos deste doloroso drama, nada restou a Fantine daquilo que havia sido. [...] é a figura severa da desonra. A vida e a ordem social deram a ela sua última palavra. Já lhe aconteceu tudo o que tinha de acontecer. Sentiu tudo, suportou tudo, experimentou tudo, sofreu tudo, perdeu tudo e chorou tudo. [...]. (HUGO, 2014, p. 229).

Passam por volta de dez meses desde que resolveu vender tudo o que lhe restava, seu corpo. Nos primeiros dias de janeiro de 1823, Fantine estava na rua quando um burguês bem agasalhado insultava-a chamando-a de feia sempre que ela passava por ele, mas ela o ignorava, o que o incomodou: ele “[...] pegou um punhado de neve no chão, e atirou bruscamente em suas costas, entre seus ombros nus. A moça soltou um rugido, voltou-se, saltou como uma pantera, e arremessou-se sobre ele, cravando-lhe as unhas no rosto [...]” (HUGO, 2014, p.231).

Essa cena representada no romance foi algo que o próprio Victor Hugo testemunhou em 1841, vendo uma prostituta ser agredida e agredir um burguês, mas apenas ela foi presa. Ele usou de sua influência de autor reconhecido e recém-eleito a Academia Francesa de Letras para que ela fosse posta em liberdade: “Estando na luz, não se deve esquecer quem vive na noite.” (GALLO, 2006a, p. 387). No romance, o senhor Madeleine que intervém pela pobre criatura e a leva diretamente para o hospital, tratando-a com a dignidade que não a tratavam nesses últimos anos. Sabendo da história dela, do que fez para manter sua filha, ele lhe diz compadecido: “[...] nunca deixou de ser virtuosa e santa perante Deus! Oh! Pobre mulher!” (HUGO, 2014, p. 240). O senhor Madeleine se responsabiliza pelas duas, mãe e filha. Ele manda buscar a menina e paga além do que Fantine ficou devendo, mas a ganância dos Thénardier os faz ficar com a menina. Enquanto a pobre mãe estava hospitalizada, sua situação só piorava.

Esse antigo desprezo das vestais pelas mulheres da vida é um dos mais profundos instintos da dignidade feminina; as irmãs o experimentaram, com acréscimo de intensidade que vem da religião. Mas, em poucos dias, Fantine as desarmou, com suas palavras cheias de doçura e humildade, e com aquele enternecimento de mãe que havia nela. [...]. (HUGO, 2014, p. 245).

A história é interrompida por conta do julgamento de Jean Valjean, o personagem principal da obra, que é perseguido por ser um ex-forçado, condenado por roubar pão para sua família. Esse julgamento era de um senhor chamado Champmathieu, e Jean Valjean na verdade era o próprio senhor Madeleine, e esse sabia que ele era Jean Valjean. Quando o senhor Madeleine volta da cidade onde ocorria o julgamento, Fantine tem uma melhora, ela está feliz, o autor a mostra como sendo a própria alegria, acreditando que logo irá rever sua filha, que não vê há quase cinco anos. Entretanto, a menina não foi trazida de volta. Ela ansiava tanto por esse momento que até mesmo a ouvia, falava com amor da filha que já estava com sete anos. Sua felicidade é interrompida ao ver Javert, o policial

que a prendeu, que não sabe diferenciar a lei da justiça. Ele não veio prendê-la, mas sim ao senhor Madeleine, que é Jean Valjean. Eles travam uma briga, Javert queria prendê-lo, o conflito agrava a situação de Fantine, que exasperada busca pela filha.

Fantine ergueu-se em sobressalto, apoiada nos braços rígidos e nas duas mãos, olhou para Jean Valjean, olhou para Javert, olhou para a religiosa, e abriu a boca como se fosse falar; um gemido saiu do fundo de sua garganta, seus dentes se bateram, estendeu os braços como alguém que se afoga. Depois caiu de uma vez sobre o travesseiro. A cabeça bateu na cabeceira da cama, curvando-se sobre seu peito, a boca ficou aberta, e os olhos arregalados e sem brilho. Estava morta. (HUGO, 2014, p. 336).

Assim, morreu Fantine, com seus 27 anos, sem rever a filha, sem chance de ter uma vida melhor - sua redenção foi a morte. No fim da primeira parte do livro, uma última menção é feita a respeito da personagem. Ela foi sepultada apenas com o que se fez mais necessário, relegada à vala comum: “Ela então foi enterrada no canto gratuito do cemitério, que pertence a todos e a ninguém, e onde os pobres se perdem para sempre. [...] sofreu a promiscuidade das cinzas. Seu tumulto assemelhou-se a seu leito” (HUGO, 2014, p.342). O autor trata de sua teoria do sublime e do grotesco, apresentada no prefácio de *Cromwell* (1827), apontando que “[...] a mais rica fonte que a natureza pode abrir a arte. [...]” (HUGO, 2010, p. 32). Ao longo da vida dessa personagem, há o equilíbrio entre a sombra e a luz, o feio e o belo, pois cabia ao gênio criar uma obra sem excluir o elemento do real, afinal nem só do belo deveria ser feita a arte, o grotesco sempre existiu e deveria trazer o equilíbrio. Essa teoria é aplicada à personagem Fantine: podemos ver em seu físico que foi do sublime ao grotesco, sua aparência ao fim da vida foi medonha. Entretanto, houve um equilíbrio entre sublime e grotesco em seus últimos momentos, o grotesco que estava em seu físico, sua aparência, e o sublime em sua moral, ética, luta e amor por sua filha Cosette. Fantine evolui de um sublime estético para o sublime moral.

Hugo leva o leitor a ter empatia por aquela que, em consequência da fome e da necessidade de manter sua filha, torna-se prostituta, a mãe que não poupou esforços, dando tudo de si, inclusive seu corpo. A morte redentora a eleva ao papel de heroína, Hugo traz a maternidade como um dos pontos fundamentais da personagem, o que reforça o conceito de que essa é a principal missão da mulher. A nosso ver, a personagem feminina foi também a que desempenhou maior ação no romance, sendo a porta voz das queixas do autor em relação à condição das mulheres marginalizadas em seu tempo, situação que perdura atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os pontos levantados durante o processo de pesquisa nas três partes deste trabalho, fazemos algumas considerações de conclusão. Na primeira sessão, observamos a vida do autor, que desde muito cedo demonstrava interesse pelas causas sociais, pelo povo, por aquele que não era visto. Ele revolucionou a literatura, como o fez no prefácio de *Cromwell*, propondo versos com mais liberdade, falando sobre dois extremos, o sublime, que já era muito utilizado na arte de forma geral, e o grotesco.

Na segunda sessão, já é possível analisarmos brevemente sobre suas personagens femininas presentes em seus romances, como as mulheres eram retratadas na literatura até então, exaltadas, belas, o tipo de mulher idealizada por escritores. Victor Hugo traz esse tipo de mulher, mas não se prende a esse padrão, trazendo outro ponto de vista, o grotesco visto na cortesã, na prostituta, na miséria da mulher que luta para sobreviver, que luta por seu lugar na sociedade, e é a essas mulheres que ele dá voz.

Já na terceira e última parte, abordamos uma obra em específico, *Os miseráveis*, para focarmos em uma personagem, a Fantine. Ela desempenhou um importante papel para o romance, visto que em nossa concepção, é a mulher que exerceu maior ação na obra, com a história de sua vida sendo a representação da vida de outras mulheres do século XIX. A nosso ver, Victor Hugo queria chamar atenção para que tomassem medidas para não permitir que a miséria escravizasse essas mulheres e a fome as obrigasse a vender seus corpos. A história de Fantine, além de ser uma reflexão sobre as dificuldades da mulher do século XIX, da miséria e do descaso da sociedade, mostra uma personagem vítima da ausência de leis de proteção às mulheres, fazendo com que o leitor tenha um olhar mais humano em relação às questões das mulheres marginalizadas socialmente.

Apesar de Fantine ser uma personagem do século XIX, ela permanece atual, sua história continua a tocar aquele que a conhece, a exemplo da atriz Anne Hathaway, que atuou no drama musical *Os miseráveis* (2012), dirigido por Tom Hooper, interpretando Fantine. Esta se emocionou e comoveu o público com a sua atuação. Tal atualidade de Hugo não está apenas nas publicações de suas obras e nas adaptações de sucesso, mas em seus personagens que permanecem atuais, com os quais os leitores ainda são capazes de se identificar. Sua defesa por uma humanidade mais justa ainda pode ser retomada, seus desejos de um mundo sem miséria ainda são uma bandeira a ser levantada por todos os Hugoanos, com aqueles que se preocupam com a justiça social. Sua crença de que a arte era uma ferramenta de ensino e meio de tocar os sentimentos ainda está presente. Afinal,

a miséria ainda é infelizmente uma realidade, ainda existe condenações à morte, a mulher ainda luta por direitos básicos, as crianças ainda sofrem de abandono e exploração. Nesse sentido, a obra *Os miseráveis*, finalizada há exatamente 160 anos, permanece atual e com personagens os quais somos capazes de identificar na nossa sociedade. O gênio de Victor Hugo abriu caminho para a modernidade.

Ao abordamos mais uma vez sobre essa personagem tão conhecida, buscamos desvendar sua história enquanto uma representação e uma personificação da denúncia feita por Hugo ao descaso da mulher. A figura feminina marginalizada não era frequente em obras literárias, Hugo foi um grande nome que trouxe um novo olhar sobre a questões social feminina, olhar diferente que resultou nas suas personagens, levadas ao público através da arte, buscando a empatia de seus leitores, que eram muitos.

No prefácio do romance, Victor Hugo destacou três questões que o livro abordaria, colocamos aqui uma das três, “[...] a prostituição da mulher pela fome [...] enquanto houver sobre a terra ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis” (HUGO, 2014, p. 37, tradução nossa). O escritor deixou claro em seu texto que aquele livro não era apenas para seus leitores do século XIX, mas também para aqueles muitos que ainda estariam por vir. Sabia que, apesar de sua luta, ainda existiria miséria no mundo. Portanto, além de ser um dos pontos destacados pelo autor no prefácio, a nosso ver, Fantine não foi apenas mais um dos miseráveis, ela teve um papel fundamental para o desenvolvimento da história, interferindo de forma definitiva na vida do personagem principal, Jean Valjean. Através de sua filha Cosette, ela mudou o curso da vida do personagem protagonista.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.
- BÉNAC, H. O Romantismo francês. **Organon**, Porto Alegre, v. 8, n. 8/9, 2013.
- BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CARPEAUX, O. M. **O Romantismo por Carpeaux**. São Paulo: Leya, 2012.
- GALLO, M. **Victor Hugo**, v. 1: eu sou a força que avança! (1802-1843). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a.
- GALLO, M. **Victor Hugo**, v. 2: este um sou eu! (1844-1885). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006b.
- GOUVEIA, A. **Teoria literária: fundamentos sobre a natureza da literatura e das categorias narrativas**. 2. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.
- HUGO, V. **Do grotesco e do sublime**. Tradução do prefácio de Cromwell. Tradução e notas de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- HUGO, V. **Œuvres Complètes – 122 titres (Annotés et illustrés)**. Arvensa Editions, 2013.
- HUGO, V. **O corcunda de Notre-Dame**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- HUGO, V. **Os miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- MORETTO, F. M. L. Victor Hugo e o Romantismo. **Lettres Françaises**, Araraquara. v. 5, n. 1414-025, p. 9-18, jan. 2003.
- NERVAL, Gerard. **Œuvre Nerval**. Editions eBooksFrance, 2000. Disponível em: [Loeuvre de Gérard de Nerval \(Nerval, Gérard de\) \(z-lib.org\).pdf](#).
- SZABO, G. J.; SANTOS, Nair dos. A imagem da mulher na obra de Victor Hugo. **Organon**, Porto Alegre, v. 16, n. 16, 2013.
- VIARD, B. **Les 100 mots du romantisme**. Que sais-je ? Paris: Puf, 2010.
- WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.